

Harck 092

Varnhagen mandou imprimir este folheto no mesmo formato e tipos que "Da litteratura dos divinos de Cavallarias" para ser encadernado junto.

A ultima folha deste folheto (Retosques e erratas) refere-se a "Da litteratura..." e não ao "Memorial".

o MEMORIAL DAS PROEZAS

DA

SEGUNDA TAVOLA REDONDA

E A EDIÇÃO

TRIUNFOS DE SAGRAMOR :

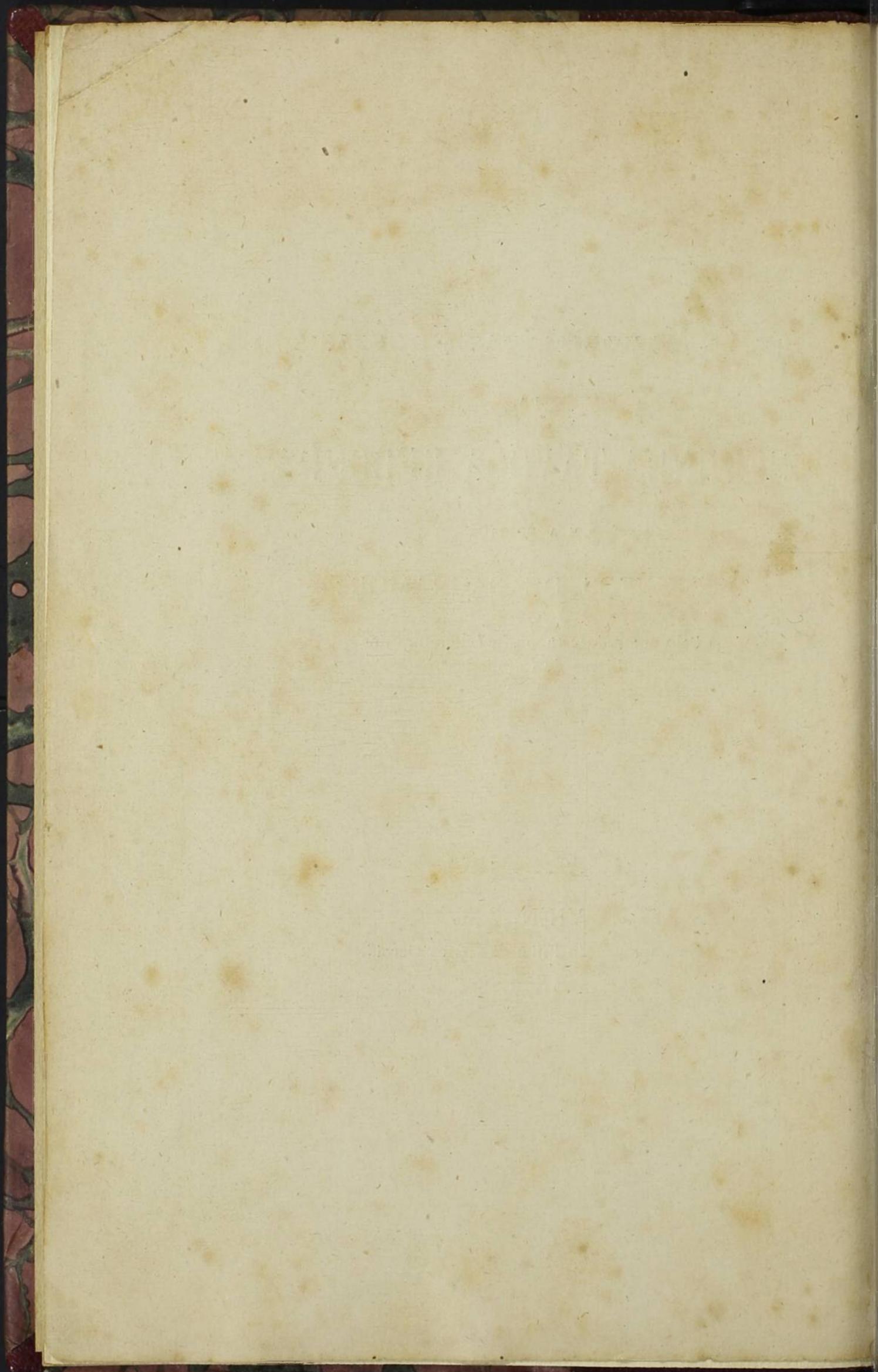
Pelo autor do estudo «Da Litteratura dos
Livros de Cavallarias».



VIENNA.

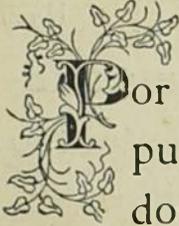
Na imprensa do Filho de Carlos Gerold.

1872.



§. Unico.

Edições do «*Memorial*» e «*Triunfos*». São a mesma obra. Romance da Tavola Redonda e encabeçamento da novella. Seu assumpto e principal heroe. Seus meritos e defeitos. Tornêo em 1552.

 Por bem pagos já nos damos da publicação do nosso estudo acerca dos Livros de Cavallarias! Graças a essa publicação, fomos por um amigo informados de como, ha poucos annos, havia sido publicada uma nova edição do *Memorial das proezas do segunda Tavola Redonda*, a qual logo tratámos de haver e de ler, com a attenção sufficiente para nos deixar esclarecidas algumas dúvidas que tínhamos.

*

A nova edição é de 1867, e igualmente em 4^o como a anterior, feita tres seculos antes, em 1567*); e, como ésta, não abraça senão o primeiro livro da novella de Jorge Ferreira de Vasconcellos, segundo se deduz do seu conteúdo e de uma linha da última pagina que diz: *»segundo se verá no Segundo Libro que se segue.«* Infelizmente nunca tal 2^o livro seguiu na anterior edição, e por conseguinte tão pouco nesta. — Estará perdido? E' ponto de que nos vamos occupar.

*) *»Memorial das proezas da segunda Tavola redonda. Ao muyto alto e muyto poderoso Rey do Sebastião o primeyro deste nome em Portugal, nosso senhor. Com licença. Em Coimbra. Em casa de João Barreyra. 1567. 1 vol. de 240 fôlhas in-4^o. (Colophon no fim.) Acabouse aos XII dias do mes de Novembro. Anno MDLXVII. LAUS DEO.*

A leitura do *Memorial* ou primeiro livro, ultimamente reimpresso, veio, em vista do seu proprio assumpto, a confirmar a suspeita, que ja tinhamos, de ser elle uma nova edição, com alguns retoques, da obra pelo mesmo autor publicada treze annos antes, em 1554, seguramente em folio, com o titulo de »*Triunfos de Sagramor*« *). No número desses retoques devemos contar a mudança de titulo, efectuada provavelmente por haver o autor reconhecido que os feitos do seu Sagramor não eram sufficientes para constituil-o heroe ou protagonista da novella, dis-

*) *Triunfos de Sagramor*, em que se tratão os feitos dos cavalleiros da segunda Tavola Redonda. Deregido ao Principe D. João. Coimbra por João Alvres Impressor del Rey. 1554. Fol.

(**Barbosa**, *Bib. Lus.*)

tinguindo-se nesta, mais que o rei, outros cavalleiros da nova Tavola Redonda; como succedêra a varios dos da primeira, com respeito ao seu rei Arthur. Essa mudança acha-se até justificada pelo proprio autor nas seguintes palavras do cap. 26: »porque não foi sua tenção tratar de um só cavaleiro... leixando os outros agravados, antes pretende fazer uma viva memoria de tudo o que alcançou dos da Tavola Redonda d'elrei Sagramor.«

Occorre porém uma dúvida. Conteriam esta 1^a edição o Segundo Livro, que se promette na edição de 1567, e que não se chegou então a imprimir? Temol-o por mais que provavel; mas preferimos não nos alongar a tal respeito, quando ainda não está perdida a esperança de que virá a encontrar-

se o verdadeiro tira-dúvidas, — algum exemplar dos *Triunfos*, fazendo-se a esse respeito mais pesquisas, e resando os crentes, cada um em sua religião, os correspondentes responsos. Diremos somente que, se bem interpretamos a lista, appensa ao Diccionario de Moraes, das obras consultadas, devem referir-se ao 2º livro da edição de 1554 as citações de »*Sagramor*«, e ao 1º da edição de 1567 as que se designam por »*Mem. das Proezas*«. Já que Moraes chegou a ver essa 1ª edição (provavelmente em duas columnas e letra gothica), esperança podemos nutrir de que, ao menos, o exemplar por elle visto se ache ainda em Portugal. Em 1618 dizia o editor da *Ulyssipo* desse anno (editor que, com o Sr. Innocencio, suppomos seria o da

Aulegrafia de 1619, isto é D. Antonio de Noronha, genro do autor), que pensava reimprimir tambem a novella, que Jorge Ferreira deixára retocada de modo que *do meio em diante* »ficára em tudo differente«. Não se referiria ao tal 2º livro, mencionando por equivoco *edições* (em vez de edição) anteriores? E' possível que não realisasse o seu projecto por haver encontrado opposição nos Inquisidores.

A novella, que se diz sempre escripta por »*Foroneus, philosopho e chronista inglez*« (ficção analoga a outras mui usadas nos livros de cavallarias), encabeça-se, nas conhecidas da Tavola Redonda do rei Arthur, começando por dar conta da traição de Morderete, filho natural deste rei, e da batalha em que ambos caíram mortos; e conta

o autor como, depois da mesma batalha, appareceram, por artes de Merlin, dois selvagens, percorrendo o campo, e recolhendo o cadaver do mesmo Arthur e os dos demais cavalleiros da Tavola Redonda que no mesmo campo jaziam, sem que ninguem ousasse fazer-lhes opposição. Guiava o carro dos selvagens, uma bella nympha, que, ao som de uma viola d'arco, resumia as proezas da 1^a Tavola Redonda, cantando o seguinte lindo romance, de rima aturada:

»Grã Bretanha desleal,
Ao melhor rei que tiveste,
D'agora té-o fim do mundo,
Chora quanto bem perdeste.

»Jaz no campo entregue á morte
Que, falsa, ingrata, lhe déste,
A flor da cavallaria
Com que t'ensoberveceste.

**

- »A pena tem já da culpa
Que lhe assi favoreceste.
Oh trahidor Morderete!
;Porqu'um tal rei vendeste?
- »Oh Bretanha desleal,
Que grande traição fizeste
A vinte e quatro da Tavola,
Que per Genebra escolheste!
- »A' demanda do Grial
Triste remate pozeste:
Morto jaz de mil feridas:
E tu soberba lh'as déste.
- »Dom Galvão, tão animoso,
Por que mil glórias tiveste?
E matar Dom Galeaço
Ingrata, como podeste?
- »Qu' em obras de fortaleza,
Não sei s' outro igual houveste;
Pôde matar-te Bretanha,
Que tu tanto engrandeceste?
- »Esforçado Flor de Mares,
Que em forças Mares venceste,
A morte, que em defenderes
Tal rei, d' ella padeceste!

- »Oh animoso Troyano!
Nunca lh' o tu mereceste,
Mal lhe merecias mal
O que d' ella recebeste.
- »Palamedes, o pagão,
Que nas armas floreceste!
Dom Tristão de Leonis
Que por amores morreste!
- »Em não morreres aqui
Ditosa sorte tiveste! . . .
Tu, Lançarote do Lago!
Que as glórias d'amor houveste,
- »De damas servido, amado
Da dona a quem mais quizeste,
Com damno dos traidores,
Ah morte, a que te rendeste!
- »Ficarás sem sepultura,
Co' a pena que mereceste,
Tu, traidor Morderete;
Pois tal traição cometteste.
- »Aqui se acabou a glória
Quanta, Bretanha! tiveste:
Em pago da qual, a Arthur
Nem a sepultura déste!

»Ca na ilha de Avalom,
Merlin, vergel lhe fizeste,
Em que vive; e só salv-o
D'afrota e morte podéste,

»Como amigo, que as más manhas
De Bretanha conheceste

»Mas, n' algum tempo, inda Arthur,
Bom rei que desmereceste,
Bretanha virá vingar-se
Da traição que lhe fiseste.«

Morto o rei Arthur, os seus partidarios aclamam o successor, pouco antes jurado, Sagramor Constantino, filho do rei Cador de Cornualha, casado com a infanta Seleucia, filha do mesmo Arthur. Emprehe Sagramor a pacificação dos seus estados, primeiro na ilha d' Albion, valendo-se da circumstancia de acharem-se em França Godifert e Dagobert, filhos de Morderete. Sabendo estes do succedido, pas-

sou Godifert a assalariar novas tropas, deixando, no continente, ao irmão commettida a defesa de Bolonha. Porém Sagramor, com os mais cavalleiros da *Ordem*, passou logo a França, sitiou Bolonha e a rendeu; tratando com generosidade a Dagobert, e julgando-se com isso em toda segurança, com tanta maior razão que se via favorecido com a protecção, não ja do magico Merlin, mas sim da fada ou *sábia* Merlinia.

Da leitura e estudo que fizemos deste 1º livro, cremos poder aventurar qual fosse a acção principal da novella toda. O objecto do 2º livro será provavelmente dar conta dos esforços dos dois filhos de Morderete, para á custa de allianças, inclusivamente com os Mouros, e até de traições,

recuperarem o perdido; vindo porém, a final, Sagramor a sair triunfante, pelos esforços e proezas dos cavalleiros da segunda Tavola Redonda; se é que tambem, por alguma arte magica, não vem a final a resuscitar e a fazer alguma subita aparição ante elles o proprio Arthur, como se deprehe de do romance acima e de varios logares da novella. Entre os novos cavalleiros da Tavola Redonda, por seu grande vulto e assignaladas façanhas, já se destaca Lucidardo, filho de Tristão Leonis e da rainha Iseo, e conhecido durante quasi todo a primeiro livro sob o nome de *Cavalleiro das Armas cristalinas*. Assim o assumpto mais saliente do mesmo primeiro livro são as proezas deste cavalleiro; pelo que (prosequindo o segundo da mesma forma), ja de

posse da famosa espada Calibor, do finado rei Arthur, bem poderia a novella denominar-se, com mais razão, *Livro das Proezas de Lucidardo*, sendo este o verdadeiro heroe da acção principal.

Esta acção principal perde porém muito do seu interesse pelas várias outras acções e episodios com que o autor pretendeu enredar a novella, e que não fazem mais que confundir o leitor, não disposto a dedicar a semelhantes leituras tanta attenção como reclamaria delle um problema de algebra ou de cálculo. Contribuem tambem a cortar o fio da attenção o modo com que o autor usa encetar cada novo capitolo, com pretensão de sentencioso e moralizador; a paixão (mui propria do escriptor da Eufrosina), de

empregar, com profusão, frases pro-
verbiaes e anexins; a tendencia da moda
do tempo, tomada da Italia, a abusar
dos conhecimentos e erudição classica
da mythologia e da historia antiga,
não só nos versos, como na prosa.
Para que se faça melhor idéa de quanto,
às vezes, se estende o autor em suas di-
gressões eruditas, sempre alias mui bem
escriptas, transcreveremos as seguintes
explicações que dá a proposito de certa
rede de ferro de que faz menção: »por-
que (diz) esta foi a que Vulcano fez
de subtis fios de aço . . . E com esta
prendeo Martes com Venus sem se po-
derem desatar; salvo per mão do mesmo
Vulcano. Ao qual a pedio depois Mer-
curio pera prender a Ninfa Cloride que
amava; de quem se conta que, alem
de muito fermosa, de ligeira voava pelo

ar, correndo mais que a mesma Aurora, e do trançado ia espalhando lirios, rosas e violas. E tanto a espreitou Mercurio que a poude prender no ar com esta rede, na que, enredada, foi descaindo contra Canopo, e ali aguardaram, per grandes tempos, no templo de Anubis; donde Glauco, deos marinho, a tomou para em Tinacria prender a nympha Scila, e a deu depois a Polifemo para enlaçar a branca Galatea, que lhe fogia. Mas primeiro o cegou Ulysses«, etc.

Tudo isto é bello; mas é o caso de dizer-se *non erat hic locus*. E não é impossivel que muitos destes trechos de erudição fossem retoques successivos e que se não achem na edição de 1554. Em nossos dias o leitor de qualquer novella, e ainda mais de uma novella de cavallarias, não aguanta semelhantes

digressões, que o distraem do verdadeiro enredo.

Tem entretanto a novella, para o gosto das do nosso tempo, o merito de ser mais dialogada que outras de cavallarias. Tambem tem, em geral, o merito de ser menos absurda nas combinações geographicas; e apesar do que diz das ilhas Bem-afortunadas (Canarias) e das Sete-Cidades, é bastante exacta quando se refere á Inglaterra e ao seu porto de Dover, chamado na novella do *Cabo Dobre*, ás Baleares, á Hespanha e á propria França; e ás vezes chega a dar azo a suspeitar que o autor teria bastante percorrido a Hespanha e seguido della a França pelo caminho de Irun e Bayona, principalmente quando trata das scenas dos Centauros da cova de S^{to} Adrian e do

gigante da póvoa de Argançon, perto de Victoria, na provincia de Alava, reinando na Hespanha o mouro Muleycider.

Ha neste primeiro livro curiosas referencias a outros de Cavallarias, elogiando-se muito ao de Amadiz, vendo-se uma dama a ler a historia de Primaleão e D. Duardos, e discutindo-se qual dos dois fora melhor namorado, etc. Tambem, falando o autor do cavalleiro das duas espadas, acrescenta: »Segundo se conta na historia da demanda do Sancto Grial.«

Parece que Jorge Ferreira tinha grande fé nos resultados favoraveis das leituras dos livros de cavallarias, nos quaes (diz) »se trata o bom da paz, o necessario da guerra, a virtude de uns, a malicia de outros«; pelo que até

lembra como »em tempo d'elrei D. João, de boa memoria, . . . seus vassallos, no cerco de Guimarães, se nomeavam por cavalleiros da Tavola Redonda, e elle por elrei Arthur.« Para nós é sem dúvida que se a leitura dos livros de Cavallarias produziu alguns Quixotes, tambem contribuiria (como ja uma vez dissemos) a formar bons reis, e até chegaria a crear heroes, inspirando a muitos mais elevação d'alma, e maior enthusiasmo pela glória e desprezo dos perigos.

Distingue-se este primeiro livro da novella pelo seu final, que consiste na descripção de um tornêo, que effectivamente teve logar em Xabregas, na presença d'elrei D. João 3º, e em que tomou parte o principe, do mesmo nome, seu filho (pai d'elrei D. Sebas-

tião), já então desposado, por palavras de futuro; por tanto em 1552; visto que os desposorios haviam tido lugar em Toro no dia 11 de Janeiro daquelle anno. Por *mandado* desse Principe, fallecido dois annos depois (em Jan. de 1554), havia o autor descripto esse torneio; segundo elle proprio declara na dedicatória que da nova edição dirigiu ao mallogrado D. Sebastião 1º *o desejado*. Provavelmente essa descripção se encontra já tambem no fim da 1º livro da edição de 1554; pois o autor a soube inculcar na sua obra, dizendo que, por artes da sábia Merlinia, fôra permittido ao seu Sagramor ser *vente* (vidente) dessa futura scena, cuja descripção é importantissima, pelo proprio lado em que a leitura della se faz um tanto pesada; qual é o da especi-

ficação de todos os trages; tão minuciosa que, ao lê-la, se poderá hoje desenhar um figurino de cada um dos que entraram no tornêo; taes como Diogo Lopez de Sequeira, D. Antonio e D. Alvaro de Noronha, Manuel de Sepulveda (talvez o célebre náufrago) e Fernão da Silva. Tambem tomou, desgraçadamente, parte no tornêo Luiz da Cunha, e nelle perdeu a vida, afogando-se a canôa-aguia com que se apresentára, em companhia de Christovani de Moura, que conseguiu salvar-se, por disposição dos fados, que o reservavam para vir a entregar Portugal a Philippe 2^o.

Pelo que respeita á edição, apartamos da opinião do editor, em quanto ao haver conservado fielmente, não tanto a orthographia, como a pontuação

da anterior, muitas vezes errada; e tornando a leitura de mais difficuldade aos estrangeiros. Tambem houveramos preferido ver, da parte do editor, menos submissão á antiga edição, na collocação dos periodos; e em vez de os deixar, como sé usava, compactos e seguidos em cada capitulo, houveramos preferido que se abrissem e destacassem §§, quando assim o pedisse a mudança de assumpto; ou quando houvesse dialogo. E' notavel como esta servidão ao antigo concorre a que a leitura se torne mais cançada, para os nossos habitos de hoje. Em todo caso, o livro é muito de recommendar como de boa linguagem quinhentista, e não só as lettras portuguezas como todos os afeiçoados á litteratura dos livros de cavallarias, que hoje são muitos

em todas as nações da Europa, devem dar ao Sr. M. Bernardes Branco os mais sinceros agradecimentos pelo serviço que prestou, e que, por minha parte, procurarei recommendar e fazer conhecido; com tanta maior razão, quando o nome de Jorge Ferreira, apesar das importantes composições com que enriqueceu a litteratura portugueza, embalde se busca (justiça humana!) nos dictionarios dos homens célebres, incluindo os modernos de Michaud e Didot.

V.

VIENNA, 2 de abril de 1872.

P. S.

Aproveitaremos do ensejo que nos offerece a impressão destas paginas, para com ellas publicarmos alguns retoques e novas erratas ao opusculo de Cavallarias, e seja-nos permittido fazellos preceder dos esclarecimentos seguintes:

1º. Advogando pela nacionalidade portugueza do Amadiz, novella de cavallarias, não pretendemos negar que Lobeira não se inspirasse com a leitura de algumas lendas ou romances antigos, incluindo o famoso da bella *Idoine e de Amadas*, composição citada no romance de Emare, nos *Don-*

nez des Amanz (Franc. Michel, *Tristam*, I, LXVI e CXIX), e até no *fabliau* de Gautier d' Aupais, que temos presente (Ed. de Legrand, de 1779, vol. 3º, pag. 27).

2º. A' vista do que dizemos na pag. 68, não nos devemos admirar de que já o chronista Azurara tivesse conhecimento do Dante.

3º. Verificaram-se já em parte as nossas apprehensões (pag. 79), apparecendo á venda em Paris, uma edição do Amadiz, de Saragoça de 1508, por Coci.

4º. Annunciaram-se ultimamente á venda em Londres:

1º. The sixt part never before published, conteining the heroick deeds of armes, as well as of Amadis, as of Person his son,

and Lisvart of Greece, etc., translated out of French by F. Kirkman; 4º, s. m. 1562.

2º. Belianis of Greece . . with continuation by J. Shurley, London, 1703.

5º. Jeronymo Lopes, mencionado na pag. 89, foi o proprio editor (em Lisboa, 1527) da *Chron. do Inf. D. Fernando*, escripta por Fr. João Alvares; e provavelmente tambem em Lisboa publicaria (sem dúvida entre os annos de 1518 e 1528) a 1ª edição da sua novella (só conhecida pela edição de Sevilha de 1550), que offereceu a D. João 3º, intitulada: »*Segunda Parte del esforçado caballero D. Clarian de Landanis y de su hijo Floramante de Colonia*«.

6º. Fr. Prud. de Sandoval (*Antiguedad . . . de Tuy; Braga, 1610, p. 191*) dá como flamengo o Marliano citado na pag. 183, e diz que era bispo de Ciudad Rodrigo, e que da mitra de Tuy só *mandára tomar* posse em 1518.

7º. Assegura o poeta Torquato Tasso (na *Apologia*) que seu pai (veja-se a nossa p. 217) fôra induzido a compor o poema do *Amadigi* por muitos principaes da cõrte de Hespanha, quando ahi fôra em serviço do Principe de Salerno. Segundo o mesmo Torquato a historia fabulosa do Amadiz »*é la più bella che si legga frà quelle di questo genere, e forse la più giovevole, perche nel affetto e nel costume si lascia adietro tutte l' altre,*« etc.

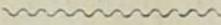
8º. Mambrino Roseo, de quem tratamos na pag. 219, antes de se se de-

dicar, qual novo Feliciano de Silva, como de profissão a fazer e traduzir livros de cavallarias, tinha apparecido na republica das lettras, desde 1530, com duas edições (pelo menos) da obra em verso *Lo asedio e impresa de Firenze*, e com a obra em prosa »*La insitutione del Prencipe christiano*, reimpressa em Veneza, por Valgrisi, em 1549.

9º. Julgamos de Antuerpia, não de Colonia, a edição das *Saudades* de 1559, pelas razões seguintes. — A firma de Birckmann, com a propria insignia da *Gallinha Gorda*, tinha então tambem casa em Antuerpia, e ahi igualmente fazia imprimir obras, cujo papel e typos mais condizem com a edição das *Saudades*, que as obras que vimos suas de Colonia. Por outro lado: as

relações de commercio de Portugal eram então mui frequentes com Antuerpia porto de mar, e quasi nullas com a cidade interior de Colonia. Entre as obras que Arnaldo fez imprimir em Antuerpia, citaremos a *Cosmographia* de Gemma Phrysius em 1539. Em 1548*) já figura nos livros a sua viuva; e em 1557 e 1564 são os *seus herdeiros* que publicam, tambem em Antuerpia e sob a *Gallinha Gorda*, o *Fuchsius* em hespanhol e um *Apianus* em latim.

*) Vej. H. Lempertz, „*Bilderhefte*“ etc. Colonia, 1853—1865, tab. 10.



RETOQUES E ERRATAS.

- Pag. 2 lin. 4 onde diz ,o' lêa-se ,ao'.
- „ 7 Invertam-se as duas notas.
- „ 26 lin. 11 onde diz ,até até' lêa-se ,até'.
- „ 30 Risquo-se toda, e as últimas linhas da anterior.
- „ 32 lin. 4 . . 5 . . 7 onde diz ,em producções . . . e . . em producções' lêa-se ,tanto nas . . . como . . . nas'.
- „ 48 lin. 12 onde diz ,aventarmos' lêa-se ,aventurarmos'.
- „ 51 As tres primeiras linhas são continuação da nota da pag. precedente.
- „ 59 lin. 11 e 14 onde diz ,com . . . cobrado' lêa-se ,con . . cobrada'.
- „ 67 lin. 11 onde diz ,séta' lêa-se ,sestra (e em nota) séta?,
- „ 82 lin. 12 onde diz ,atreveçou' lêa-se ,atraveçou'.
- „ 84 lin. 11 e 12 lêam-se: „de 1550 em diante foram acrescentados em novas edições a esse mesmo texto o dos seguintes livros até o do“.
- „ 95 lin. 10 . . . 13 onde diz ,o Hurtado . . . antericor' lêa-se ,a Hurtado . . . anterior'.
- „ 102 nota lêa-se: litteratura . . . encerra.
- „ 107 lin. 3 onde diz ,a' lêa-se ,a do 2^o livro'.
- „ 123 lin. 6 onde diz ,Bimnarder' lêa-se ,Bernardim,.
- „ 126 lin. 13 onde diz ,acredital-os' lêa-se ,acreditar nelles'.
- „ 129 lin. 9 onde diz ,em Colonia' lêa-se ,em Antuerpia'.
- „ 134 lin. 9 onde diz ,entraremoa' lêa-se ,entraremos'.
- „ 159 lin. 1 onde diz ,do' lêa-se ,e do'.
- „ 161 lin. últ. onde diz ,amo' lêa-se ,anno'.
- „ 172 lin. 3 onde diz ,nada tem que ver' lêa-se ,nenhuma relação tem'.
- „ 174 lin. 4 onde diz ,631' lêa-se ,431'.
- „ 181, 186, 197, 1a da nota, 9, 7, onde diz ,infante' lêa-se ,infanta'.
- „ 186 lin. pen. onde diz ,confiando-a' lêa-se ,entregando-a'.
- „ 192 lin. 13 onde diz ,de justiciu' lêa-se ,de la justicia'.
- „ 203 lin. 15 onde diz ,do' lêa-se ,de'.
- „ 208 lin. penúlt, onde diz ,filancias' lêa-se ,filáucias'.
- „ 210 lin. 8 onde diz ,de' lêa-se ,e'.
- „ 218 lin. 2 onde diz ,aprecêra' lêa-se ,aparecêra'.
- „ 227 lin. 6 Acrescentem-se as edições de 1563 e 1579.



001287

